



Causa e princípio explicativo do ser em Aristóteles (Metafísica VII, 17)
Causa y principio explicativo del ser en Aristoteles (Metafísica VII, 17)
Cause and explanatory principle of being in Aristotle (Metaphysics VII, 17)

Barbara BOTTER¹

Resumo: O artigo tem como objetivo realizar uma análise acerca da função da causa formal na constituição das substâncias compostas. Para tanto, analiso o capítulo 17 do Livro VII da *Metafísica*, especialmente as linhas 1041b 12-25, nas quais Aristóteles utiliza o exemplo da sílaba para se aproximar da definição da forma como causa primeira do ser. O principal resultado desta investigação é mostrar que, no capítulo final do livro *Zeta* da *Metafísica*, Aristóteles entende a forma como a causa da transformação do conjunto material numa unidade substancial e como princípio de explicação dos compostos hilemórficos.

Palavras-chave: Aristóteles – *Metafísica* – Forma – Explicação – Hilemorfismo.

Abstract: The main topic of this paper is to study the role the form has in constituting composite substances. I will examine the chapter 17 of *Metaphysics* VII, especially the lines 1041b12-25, who Aristotle uses the example of syllable to show that form is the primary cause of being of sensible substances in that it causes them to be one. The main issue of this investigation is to show that, especially in the last chapter of *Metaphysics* Zeta, essence is closely identified by Aristotle to the form, which is in charge to transform the material elements into an essential unity and to explain the structure of hylomorphic substances.

Keywords: Aristotle – *Metaphysics* – Form – Explanation – Hylemorfism.

Estratto: L'obbiettivo principale di questo articolo è studiare il ruolo rivestito dalla forma come causa costitutiva delle sostanze composte. Esaminerò il capitolo 17 del libro VII della *Metafísica*, in particolare le linee 1041b12-25, in cui Aristotele usa l'esempio della sillaba per mostrare che la forma è la causa prima dell'essere delle

¹ Professora efetiva do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFil) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: barbarabotter@gmail.com.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

sostanze sensibili in quanto causa del loro formare una unità. Il punto culminante della ricerca è il tentativo di mostrare, specialmente nell'ultimo capitolo del libro in questione, che l'essenza è identificata con la forma, la quale trasforma gli elementi materiali in una unità essenziale e di spiegare la struttura hilemorfica delle sostanze.

Parole chiave: Aristoteles – Metafisica – Forma – Sostanza – Hilemorfismo.

ENVIADO: 04.09.2015

ACEPTADO: 04.10.2015

I. Um novo começo, por assim dizer

Meu intuito em retomar o capítulo 17 do Livro VII da *Metafísica* é analisar o conceito de *substância* como causa primeira da constituição dos entes naturais² e articular as noções de *forma* e de *matéria* para explicar a constituição das substâncias hilemórficas. Minha análise limitar-se-á às linhas 1041a6-1042a3 da *Metafísica* de Aristóteles, com uma atenção especial à segunda parte do capítulo.

O sentido do termo *substância* (*ousia*) remonta ao atribuído no capítulo 3 do livro *Zeta*, e indica a *substância-de-algo*. Por exemplo, a *ousia* de um animal é distinta do sentido de substância como sujeito último de predicção, ou seja, como *ente auto-subsistente*. A distinção entre os dois termos aparece no *Incipit* do livro *Zeta*. O sentido de substância como *ente auto-subsistente* também surge em expressões como “a árvore é uma substância” ou “este homem é uma substância”; ao passo que *ousia* como *substância-de-algo* é o sentido específico que indica uma causa que explica porque um determinado ente possui as propriedades que o determinam enquanto tal. Trata-se de investigar, por exemplo, “a *ousia* da tragédia” (*Poética* 1449b22-24).³ Esse sentido está presente em boa parte do capítulo 17 e será examinado detalhadamente no último capítulo.

Em *Metafísica*, *Zeta* 3, Aristóteles fornece três possibilidades pelas quais se pode definir *ousia* como *causa e princípio de uma substância*: **1)** a forma, **2)** a matéria e **3)** ambos. A primeira é a mais promissora, mas também a mais problemática. Por isso, o Estagirita posterga seu exame para o último capítulo do livro, não sem após ter enriquecido a

² Esse ponto é ressaltado especialmente em ANGIONI 2008, p. 327-350 e WEDIN 2000, p. 405-448. Estou profundamente grata aos estudos esclarecedores desses dois autores que em suas respectivas brilhantes monografias forneceram uma rica exegese do livro VII da *Metafísica* e uma rica bibliografia, das quais fiz uso para o meu artigo.

³ Para a distinção entre os dois sentidos de *ousia*, ver ANGIONI 2008, p. 23-25; WEDIN 2000, p. 363; CODE 1997, p. 357-358.

discussão com os resultados alcançados em Z 4-6 e Z 10-11 e Z 13. Nos capítulos 4-6, Aristóteles conclui que a *forma*, como essência de uma substância composta, não depende de outra essência; nos capítulos 10-11, a essência é privada de matéria e, por fim, em Zeta 13, declara que uma essência não é composta de outras essências em ato.

Em *Metafísica*, Zeta 17, o filósofo faz um balanço dos resultados anteriormente alcançados e enriquece a discussão com uma importante “novidade”: ao tratar da substância (*ousia*) a partir de um ponto de vista diferente (1041a6-7), afirma que ela é um princípio e uma certa causa (*archê kai aitia tis*) (1041a10):

τί δὲ χρῆ λέγειν καὶ ὁποῖόν τι τὴν οὐσίαν, πάλιν ἄλλην οἶον
 ἀρχὴν ποιησάμενοι λέγωμεν: ἴσως γὰρ ἐκ τούτων ἔσται δῆλον
 καὶ περὶ ἐκείνης τῆς οὐσίας ἣτις ἐστὶ κεχωρισμένη τῶν αἰσθητῶν
 οὐσιῶν. ἐπεὶ οὖν ἡ οὐσία ἀρχὴ καὶ αἰτία τις ἐστίν, ἐντεῦθεν μετιτέον. (1041a6-9)

O quê e de que qualidade é preciso dizer que é a essência, enunciarmo-la novamente, tomando como que um outro princípio; pois talvez, a partir disso haverá evidência também a respeito daquela essência separada das essências sensíveis.⁴

O primeiro problema a ser discutido é o da retomada (“tomando como que um outro princípio”) que Aristóteles fornece em seu capítulo, pois a definição da *ousia* como *substância-de-algo* não surge aqui pela primeira vez. Poder-se-ia tratar do fato de que a *ousia* é analisada agora como causa e princípio, mas isso já estava pressuposto (ANGIONI, 2008: 329).

Aristóteles atenua o sentido de novidade que o capítulo anuncia. Com efeito, ele usa o termo οἶον: “como (οἶον) que um outro princípio”.⁵ É provável que o capítulo seja um desdobramento, mais do que um renovado início da pesquisa. Contudo, é evidente que algo novo deve ser acrescentado.⁶ A causa é analisada em Z 17, principalmente, como um princípio explicativo. A substância, enquanto causa, é um terceiro item que explica a relação entre dois outros itens, cujas relações são expressas numa predicação.

⁴ As traduções do texto da *Metafísica* usadas para o presente artigo são de ANGIONI 2002 com a exceção das passagens em que é especificado que a tradução é do autor.

⁵ Esse particular é destacado por FREDE e PATZIG 1988, vol. II, p. 308.

⁶ “A novidade que Aristóteles anuncia em Z 17 consiste em analisar a noção de causa nos termos de estrutura triádica da relação de causalidade, que Aristóteles expõe com mais detalhe no livro II dos *Analíticos Segundos*” (ANGIONI, 2008: 329).

Por sua vez, Shields considera que o anúncio desse novo começo não deve ser levado ao pé da letra, pois se trata de um tropo comum nos escritos de Aristóteles e marca a passagem da análise dos *endoxa* para a apresentação da doutrina do Estagirita (SHIELDS, 2009: 168 e 262). Por fim, Burnyeat acredita que o novo começo retoma a pesquisa acerca das substâncias não sensíveis (Burnyeat, *unpublished*, *apud* WEDIN 2000: 408).

A hipótese de Shields não é justificada, pois um novo argumento é, de fato, apresentado. Mais que isso: a argumentação anterior não se restringe ao exame dos fenômenos ou à apresentação dos *endoxa*. A proposta de Burnyeat também é pouco provável, como argumenta Wedin, que a considera implausível.⁷

II. A busca pelo “porquê” (*dia ti*)

Em seguida, e aparentemente sem qualquer justificativa, o filósofo passa das noções de causa e princípio à questão do porquê (*dia ti*). De fato, as noções de causa e de princípio se justificam quando respondem satisfatoriamente à questão *dia ti*.

ἐπεὶ οὖν ἡ οὐσία ἀρχὴ καὶ αἰτία τις ἐστίν, ἐντεῦθεν μετιτέον.
 ζητεῖται δὲ τὸ διὰ τί αἰεὶ οὕτως, διὰ τί ἄλλο ἄλλω τινὶ ὑπάρχει.
 τὸ γὰρ ζητεῖν διὰ τί ὁ μουσικὸς ἄνθρωπος μουσικὸς ἄνθρωπός ἐστιν,
 ἦτοι ἐστὶ τὸ εἰρημένον ζητεῖν, διὰ τί ὁ ἄνθρωπος μουσικὸς
 ἐστίν, ἢ ἄλλο. (1041 a9-14)

Ora, uma vez que a essência é certo princípio e causa, é a partir daqui que se deve examiná-la. Procura-se o “por quê” sempre do seguinte modo: por que uma coisa **se** atribui a outra? Pois investigar por que homem culto é culto, ou é investigar do modo mencionado – por que o homem é culto – ou outra coisa.

Várias vezes o Estagirita destaca a identidade da busca pela causa (*aition*) com a questão do porquê (*dia ti*)⁸, pois considera que a razão pela qual algo é indica uma das causas.⁹ Na

⁷ “First, Z 17 contains nothing that could be taken to give the cash value of the supposed renewed search for nonsensible beings. Second, Aristotle identifies the new start (...), when he charges us to begin with the fact that substance is a principle and a cause de some kind” (WEDIN, 2000: 406-407).

⁸ Arist., *Phys.* II 7, 198a15; 31-33; b4-9; *A Po* II 2, 90a5-7. Na *Física*, Aristóteles assimila o *dia ti* com a causa primeira (*ten proten aitian*) (*Phys.* II 3, 194b19-20; 198a14-16). Nos *Segundos Analíticos*, depois de ter identificado a busca pela causa (*aition*) com a questão (*dia ti*), Aristóteles acrescenta que quando se procura o *dia ti*, se procura o termo médio (*A Po* II 2, 90a1 e 90a6-7).

⁹ Ver ANGIONI, 2008: 333.

passagem citada, Aristóteles impõe uma condição à busca pela causa uma condição, que Wedin denomina “Distinctness Condition”. Com efeito, na busca pela causa é necessário distinguir, ao menos, dois termos e explicar por que um pertence ao outro. O filósofo explica que a questão “por que um homem culto é um homem culto” pode ser desenvolvida em duas direções distintas, das quais uma parece levar a uma aporia sem saída. A primeira opção é de se interpretar a questão no sentido “por que um homem é culto”. Essa opção é razoável, aliás, respeita a condição de distinção. A segunda opção é descrita logo em seguida, na linha 1041a14:

τὸ μὲν οὖν διὰ τί αὐτό ἐστιν αὐτό, οὐδέν ἐστι ζητεῖν
 Assim, investigar por que uma coisa é ela mesma consiste em nada investigar.

Qual é a razão que torna essa opção suspeita? Em primeiro lugar, ela não respeita a condição de uma distinção, o que é certo, mas insuficiente. É preciso ainda explicar por que o fato de não respeitar a condição de uma distinção leva à aporia. Prossigo com a passagem:

τὸ μὲν οὖν διὰ τί αὐτό ἐστιν αὐτό, οὐδέν ἐστι
 ζητεῖν (δεῖ γὰρ τὸ ὅτι καὶ τὸ εἶναι ὑπάρχειν διῆλα ὄντα
 —λέγω δ' οἷον ὅτι ἡ σελήνη ἐκλείπει—, αὐτὸ δὲ ὅτι αὐτό,
 εἷς λόγος καὶ μία αἰτία ἐπὶ πάντων, διὰ τί ὁ ἄνθρωπος
 ἄνθρωπος ἢ ὁ μουσικός μουσικός, πλὴν εἴ τις λέγοι ὅτι ἀδιαι-
 ρετον πρὸς αὐτὸ ἕκαστον, τοῦτο δ' ἦν τὸ ἐν εἶναι· ἀλλὰ τοῦτο
 κοινόν γε κατὰ πάντων καὶ σύντομον). (1041a14-20)

Assim, investigar por que uma coisa é ela mesma consiste em nada investigar (pois é preciso que se apresentem como já evidentes o que é o ser – por exemplo: que a lua sofreu eclipse – mas que a própria coisa é ela mesma, é o mesmo argumento e uma única causa para todos os casos: “por que o homem é homem” ou “o culto culto”; a não ser que alguém afirme que cada coisa é indivisível consigo mesma, e que isto seria o ser uno; mas isso é sucinto e comum a todos os casos).

Aristóteles explica que quando se coloca uma questão desse tipo, simultaneamente algo é pressuposto (“pois é preciso que se apresentem como já evidentes o que é o ser – por exemplo: que a lua sofreu eclipse”). Logo, sob o pressuposto de que há uma relação já apreendida (ou ao menos suposta) entre dois itens, é preciso, em seguida, desarticular essa relação e perguntar qual é o item que a justifica. Em outros termos: se o fato apreendido é X, não faz sentido indagar por que X é X, pois o objetivo da questão *dia ti* é o de alcançar uma explicação do fato apreendido. Para isso, é preciso desarticular X

em seus itens constituintes. Por exemplo, Y e Z. Caso contrário, a análise não pode avançar em direção alguma.

Forneço dois exemplos. Dado X como pressuposto, sendo X “homem-culto”, duas são as alternativas possíveis: **1)** perguntar por que o homem (Y) é culto (Z), e **2)** perguntar por que X é X, ou seja, por que um homem culto é um homem culto, logo, por que uma coisa é si mesma.

O segundo exemplo é: se X é rosa-vermelha, posso perguntar: **1)** por que a rosa (Y) é vermelha (Z), ou **2)** por que X é X, ou seja, por que a rosa-vermelha é rosa-vermelha, logo, por que uma coisa é si mesma.

Aristóteles lamenta que a alternativa **2** não pretende oferecer qualquer explicação (“consiste em nada investigar”), pois uma questão acerca do “por quê” tem como objetivo explicar a causa de algo, e a causa é própria de cada ente investigado, como distintos fatos apreendidos em diferentes investigações. E já que “é preciso que se apresentem como já evidentes o que é o ser”, o fato apreendido especifica o que deve ser explicado e o diferencia de outras investigações.

Porém, na alternativa **2** o item é o mesmo para todos os casos investigados (“por que uma coisa é ela mesma”). Assim, não há delimitação do domínio da investigação (“é o mesmo argumento e uma única causa para todos os casos”). Mais uma vez, a alternativa **2** “consiste em nada investigar”.¹⁰

O mesmo discurso é válido no caso das substâncias hilemórficas:

ζητήσῃε δ' ἄν τις
 διὰ τί ἄνθρωπός ἐστι ζῷον τοιονδί. τοῦτο μὲν τοίνυν
 δῆλον, ὅτι οὐ ζητεῖ διὰ τί ὅς ἐστιν ἄνθρωπος ἄνθρωπος ἐστίν·
 τὶ ἄρα κατὰ τινος ζητεῖ διὰ τί ὑπάρχει (ὅτι δ' ὑπάρχει,
 δεῖ δῆλον εἶναι· εἰ γὰρ μὴ οὕτως, οὐδὲν ζητεῖ), οἷον διὰ τί
 βροντᾷ; διὰ τί ψόφος γίγνεται ἐν τοῖς νέφεσιν; ἄλλο γὰρ
 οὕτω κατ' ἄλλου ἐστὶ τὸ ζητούμενον. καὶ διὰ τί ταδί, οἷον
 πλίνθοι καὶ λίθοι, οἰκία ἐστίν; (1041a20-27)

Por outro lado, é plausível que alguém investigue por que o homem é um animal deste tipo. Isto, então, é evidente, a saber: ele não investiga por que é homem aquele que é homem, mas algo de algo – por que algo é atribuído a algo (e é preciso que seja evidente o

¹⁰ Minha leitura é fiel a interpretação de WEDIN, 2000: 410-412.

que é atribuído: pois, se não for assim, não se investiga nada). Por exemplo, por que tropeja? Por que ocorre um estrondo nas nuvens? – aquilo que se investiga é algo que se afirma de outro modo. E por que estas coisas – tijolos e pedras – são uma casa?

Se nessa passagem Aristóteles se vale dos discernimentos dos *Analíticos Posteriores* (II, 2 e II, 8) – o que é muito provável, pois utiliza os mesmos exemplos – o que aqui é investigado é a causa (ou termo médio) pela qual os elementos constitutivos de uma substância composta formam uma unidade substancial.¹¹ O ponto que merece ser destacado é que, após ter formulado os exemplos, Aristóteles reitera que todo fato a ser explicado pressupõe uma relação entre dois itens, e o objeto da investigação é a causa dessa relação. No caso do trovão ou do eclipse (também presentes nos *Analíticos*), a causa da relação entre os itens constitutivos é uma *causa eficiente* extrínseca à natureza dos fenômenos. Em *Metafísica*, Zeta 17, pelo contrário, a causa procurada é uma causa intrínseca, embora também a causa eficiente seja mencionada.

Essa observação impede que a justaposição entre os dois textos seja imediata. Além da diferença de ênfase entre as causas investigadas (em um caso, as causas eficientes, em outro, as causas formais), nos *Segundos Analíticos* Aristóteles não manifesta um interesse explícito pelo hilemorfismo, e o tratamento da matéria não encontra um terreno fértil. Pelo contrário, em *Metafísica*, Zeta, ele delimita sua investigação às substâncias dos compostos de forma e de matéria.¹²

III. Uma questão, diferentes respostas

Nas linhas 1041a28-32, o filósofo indica os casos em que as causas diferentes satisfazem a questão *dia ti*.

φανερὸν τοίνυν ὅτι ζητεῖ τὸ αἴτιον· τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ τί ἦν εἶναι, ὡς εἰπεῖν λογικῶς,
 ὃ ἐπ' ἐνίων μὲν ἐστὶ τίνος ἕνεκα, οἷον ἴσως ἐπ' οἰκίας ἢ κλίνης,
 ἐπ' ἐνίων δὲ τί ἐκίνησε πρῶτον· αἴτιον γὰρ καὶ τοῦτο.
 ἀλλὰ τὸ μὲν τοιοῦτον αἴτιον ἐπὶ τοῦ γίνεσθαι ζητεῖται καὶ
 φθειροῦσθαι, θάτερον δὲ καὶ ἐπὶ τοῦ εἶναι. (1041a28-32)

É evidente que a busca é pela causa, a qual é a essência (*to ti en einai*) de um ponto de vista mais geral e, em alguns casos, é a causa final, como acontece, sem dúvida, no caso da casa ou da cama; em outros casos, é o que primeiro move. Pois também isto é causa. No entanto, a causa desse tipo é procurada apenas quando se trata da geração e da corrupção,

¹¹ Para a relação entre a *Metafísica* VII, 17, e os *Analíticos Posteriores* II, ver ANGIONI, 2008: 333-338.

¹² WEDIN, 2000: 414-416.

ao passo que a outra é procurada mesmo quando se trata do ser (*thateron de kai epi tou einai*)
 (a tradução é de Angioni, com modificações nossas).

Com relação à expressão *to ti en einai* (o que um ente é) estou de acordo com o texto dos manuscritos e discordo da leitura de Alexandre de Afrodisia e a interpretação de Jaeger¹³, que optam por colocar a frase entre parênteses. Parece forçoso me ater ao texto dos manuscritos, pois a identificação entre causa e essência confirma a hipótese de que *to ti en einai* (a essência ou a forma) de uma substância composta não pode ser *ousia*, a não ser que seja causa.

A primeira acepção não oferece maiores problemas: a causa é *o que era o ser* (a essência)¹⁴ de um ponto de vista geral (*hos eipein logikos*). Prefiro traduzir *logikos* como “de um ponto de vista geral”, embora a tradução literal adotada por Wedin e Angioni seja, respectivamente, “to speak logically” e “de um ponto de vista lógico”. Estou de acordo com os estudiosos que defendem que, nessa passagem, Aristóteles faz alusão aos capítulos 4-6 do livro Zeta, em que desenvolve importantes considerações lógicas. Porém, me parece que, nesse contexto, a diferença entre a primeira e as outras causas mencionadas seja que *to ti en einai*, é causa quando não se relaciona diretamente com os princípios de uma ciência específica.

Em seguida, o Estagirita detalha que a causa é *to ekinese proton* (o que primeiro move) nos compostos extrínsecos¹⁵, como é o caso do eclipse ou do trovão.¹⁶ Nestes casos, a causa

¹³ JAEGER (1957) coloca a frase entre parênteses, seguindo o texto de Pseudo Alexandre. O interesse de Alexandre é o de destacar a importância do principio motor (*to kinesan*, ad 1041b4), em um sentido teleológico (*ho polymnetos theos*, ad 1041a10).

¹⁴ Aristóteles formula aqui a equivalência entre a forma e “aquilo que o ser é” (*to ti en einai*) ou, mais precisamente, o enunciado “daquilo que o ser é”. Como explica Angioni, embora o fraseado desta expressão seja estranho, a noção de “aquilo que o ser é” pode ser entendida como equivalente à noção aristotélica de *definiens*: trata-se do conjunto de propriedades necessárias e suficientes para caracterizar o que algo é em sua essência (quanto à idiosincrasia da expressão, basta dizer que se trata de substantivação da pergunta “o que o ser é [para tal coisa]”, sendo o uso do imperfeito “*ên*” apenas o resquício de um hábito dialético, pelo qual se remete ao que antes foi dito (ANGIONI, 2009: 102; cf. JOHNSON, 2005: 48). Em vários contextos, “aquilo que o ser é” é estritamente associado à definição (“*logos*” ou “*horismos*”, cf. *Metaph.* 1030a 6-7, *DA* 412b 15-6), e, em várias passagens da *Metaph.* 1032b 1-2, 1035b 14-6, do *DA* 412a 19-20, b 10-11 e outras obras, Aristóteles parece pressupor como dado trivial, já assimilado pelos seus ouvintes, a equivalência entre *forma* e “aquilo que o ser é”.

¹⁵ Entendo a distinção entre compostos extrínsecos e entes simples na maneira seguinte: no caso dos compostos, a composição entre seus elementos não pode ser determinada pela natureza de cada um deles (ANGIONI, 2009: 338); ao passo que no caso dos entes simples, a causa final coincide com a

que justifica a existência dos fenômenos é também causa eficiente. Se o *definiendum* é um ente gerado, não basta enunciar a causa formal, mas acrescentar a causa eficiente. No caso do trovão, por exemplo, não basta afirmar que se trata de um barulho nas nuvens, é preciso acrescentar ainda que o barulho é produzido pela extinção do fogo.

Finalmente, a causa é *tinós eneka* (ou em vista de que, ou causa final), quando não é necessário levar em conta o vir a ser dos entes, a geração, a corrupção e o movimento¹⁷.

É importante observar que, nesse contexto, *kai* (linha 1041a32) é relevante. Traduzi: “a causa desse tipo é procurada apenas quando se trata da geração e da corrupção, ao passo que a outra é procurada mesmo quando se trata do ser” (*thateron de kai epi tou einai*). A outra causa não pode se relacionar apenas com a causa final em sentido estrito. A meu ver, trata-se da combinação da causa final e da causa formal, pois tal combinação está na origem das frequentes explicações teleológicas da *Metafísica*.

De acordo com Angioni, para as substâncias constituídas de matéria e de forma, a causa mais relevante é a causa final, pois ela explica não apenas o vir a ser do ente, mas também “o ser para o ente”, isto é, a *ousia* enquanto causa que justifica a razão pela qual tais e tais materiais possuem as características que os tornam aptos a realizar suas funções. Acrescenta o autor: “A forma, a título de causa final organiza uma série concatenada de propriedades necessárias e suficientes para a efetividade das funções que os caracterizam [que caracterizam os materiais]” (ANGIONI, 2009: 228).¹⁸

forma e a função, ou seja, com a natureza do ente, entendida como princípio intrínseco de movimento (ANGIONI, 2009: 339).

¹⁶ A distinção entre dois tipos de entes é usada por CHARLES (2000: 286) e ANGIONI (2009: 337-338). Angioni, porém, avança também na hipótese de que Aristóteles se refere somente a contextos heurísticos diversos (p. 337).

¹⁷ Minha leitura está de acordo com a interpretação de ROSS (1924, vol. II: 223). Contudo, é importante ressaltar que é o resultado de uma *interpretação* do texto aristotélico (há dúvidas acerca da atribuição das locuções τὸ μὲν τοιοῦτον αἴτιον e θάτερον δὲ). De acordo com Ross, *what first moves* está referido à *this sort of cause*, e a referência é à causa eficiente, ao passo que *the other cause* é a causa final. Frede e Patzig (1988, vol. II: 313-314) fornecem uma leitura diferente. De acordo com eles, *this sort of cause* une a causa final à motora, ao passo que a outra causa seria a essência (*to ti en einai*). Para uma discussão dos problemas trazidos por ambas as leituras ver WEDIN, 2000: 416-418. O que é certo é que “Here it is the form, and not the end, that emerges as top dog. So even were one to adopt the telic interpretation of the section, in the end of Z 17 gives explanatory prominence to the essence as a formal cause” (WEDIN, 2000: 418).

¹⁸ A ambivalência entre causa final e formal “ilustra justamente o papel da forma como causa intrínseca, isto é, como causa capaz de determinar sua própria composição com um conjunto de materiais adequadamente determinados segundo as propriedades requisitadas. A função de ser um

IV. A busca pela essência e pela causa

A seguir, o filósofo reconhece a dificuldade de se encontrar uma resposta para a busca pela essência, e ressalta a relevância da busca pela causa:

λανθάνει δὲ μάλιστα τὸ ζητούμενον ἐν τοῖς μὴ κατ' ἀλλήλων λεγομένοις,
 οἷον ἄνθρωπος τί ἐστι ζητεῖται διὰ τὸ ἀπλῶς λέγεσθαι ἀλλὰ μὴ διορίζειν ὅτι τάδε τόδε.
 ἀλλὰ δεῖ διαρθρώσαντας ζητεῖν: εἰ δὲ μὴ, κοινὸν τοῦ μηθὲν
 ζητεῖν καὶ τοῦ ζητεῖν τι γίγνεται. (1041a32-b5)

E aquilo que se investiga passa despercebido sobretudo no caso dos que não se dizem um do outro. Por exemplo: investiga-se o quê é homem pelo fato dele ser expresso de maneira simples, mas não se delimitar que estas coisas aqui são isto. Não obstante, é preciso investigá-lo após desarticulá-lo. Caso contrário, sucederia algo comum ao investigar algo e nada investigar.

De acordo com Bostock, nessa passagem Aristóteles identifica a causa (*dia ti*) com a essência (*ti esti*): “Aristotle’s first thought now is that it [‘what is man?’] is the question ‘why is a man a man?’” (BOSTOCK, 1994: 243-244). A justificação fornecida pelo estudioso é que a resposta às duas questões é a mesma. Como destaca Wedin, dificilmente a resposta às duas questões coincide: “The first is satisfied by giving the definition of the *species*, and so Will include both form and matter (...); whereas the second is answered by giving, in the appropriate way, the form only” (WEDIN, 2000: 419).

É mais provável que Aristóteles tenha substituído uma questão pela outra ao invés de identificar as duas. A única reserva que o filósofo nutre com relação à questão *ti esti* é que, se não for “desarticulada”, remontará aos casos já discutidos nas linhas iniciais do capítulo 1041a13-14.

Mais: se as duas questões pudessem ser reduzidas a uma só, o capítulo perderia sua característica distintiva, isto é, que a presente argumentação, embora ligada às reflexões anteriores, constitui um novo começo. A razão dessa novidade se torna manifesta nas linhas que seguem:

abrigo, como forma da casa, é a causa pela qual se explica por que os tijolos e madeira têm tais e tais propriedades que os tornam uma casa” (ANGIONI, 2009: 341-342).

δῆλον δὲ ὅτι τὴν ὕλην ζητεῖ διὰ τί τί ἐστίν· οἷον οἰκίαταδὶ διὰ τί;
 ὅτι ὑπάρχει ὃ ἦν οἰκία εἶναι. καὶ ἄνθρωπος τοδὶ, ἢ
 τὸ σῶμα τοῦτο τοδὶ ἔχον. ὥστε τὸ αἴτιον ζητεῖται τῆς ὕλης
 (τοῦτο δ' ἐστὶ τὸ εἶδος) ὃ τί ἐστίν· τοῦτο δ' ἡ οὐσία. (1041b5-8)

É evidente que se investiga por que a matéria é algo determinado. Por exemplo, por que estas coisas constituem uma casa? Porque lhes ocorre aquilo que era ser casa. E por que isto é um homem, ou por que é homem o corpo que comporta isto? O que se investiga é a causa da matéria (e esta é a forma), pela qual ela é algo determinado: e esta causa é a essência.

O novo começo é determinado pela interpretação da essência em seu papel causal e explicativo. Nesse sentido, a substituição da questão “o que é homem” pela questão “por que esses materiais são determinados de modo a integrar um homem” é fundamental para a economia do texto.

As linhas 1041b7-9 especificam o tipo de causa investigada nos compostos hilemórficos. “Por conseqüência, se procura a causa da matéria (*to aition tes hules*) e esta é a forma (*eidos*) graças à qual a matéria é algo determinado (*ti*). E esta é a substância (*touto d'he ousia*)”.

As linhas citadas confirmam que a forma (*eidos*) é *ousia* de uma substância composta apenas na condição de ser sua causa. *Aition*, nesta passagem, possui um sentido forte.¹⁹ Trata-se da causa que explica algo aparentemente não suscetível de explicação: por que algo é aquilo que é, a identidade do “o que é”.

A questão não é tautológica caso seja formulada da seguinte forma: por que o ser humano é um animal de tal e tal tipo? (ver 1041a10-27). A expressão “de tal e tal tipo” indica o que o ser humano essencialmente é. O termo médio que justifica “por que o ser humano é um animal de tal e tal tipo” é a forma (*eidos*). Como função ou conjunto de funções, a forma explica por que o homem, definido por suas funções, tem uma matéria caracterizada por tais e tais atributos (ANGIONI, 2008: 343).²⁰

¹⁹ Se trata do porquê último (*Phys* II 7, 198a16-18), da causa primeira (II 3, 194b20), ou próxima (*Metaph.* VIII 2, 1044b1 ; II 4, 195b22).

²⁰ As noções de *ergon* e *energeia* nesse contexto da *Metafísica* são indagadas por ANGIONI (2008).

V. A unidade de um amontoado de partes e a unidade da sílaba

Adentro, finalmente, no âmago do capítulo. Por isso, interessa-me refletir mais detidamente acerca das diferentes funções da forma e da matéria no composto hilemórfico.

ἐπεὶ δὲ τὸ ἕκ τινος σύνθετον οὕτως ὥστε ἐν εἶναι τὸ πᾶν,
 ἂν μῆώς σωρὸς ἀλλ' ὡς ἡ συλλαβή—
 ἢ δὲ συλλαβὴ οὐκ ἔστι τὰ στοιχεῖα, οὐδὲ τῶ βα τὰ τὸ β καὶ α,
 οὐδ' ἢ σὰρξ πῦρ καὶ γῆ (διαλυθέντων γὰρ τὰ μὲν οὐκέτι ἔστιν, οἶον ἢ σὰρξ καὶ ἡ
 συλλαβή, τὰ δὲ στοιχεῖα ἔστι, καὶ τὸ πῦρ καὶ ἡ γῆ) :
 ἔστιν ἄρατι ἢ συλλαβή, οὐ μόνον τὰ στοιχεῖα τὸ φωνῆεν καὶ ἄφωνον
 ἀλλὰ καὶ ἕτερόν τι, καὶ ἢ σὰρξ οὐ μόνον πῦρ καὶ γῆ ἢ τὸ θερμὸν
 καὶ ψυχρὸν ἀλλὰ καὶ ἕτερόν τι—
 εἰ τοίνυν ἀνάγκη κἀκεῖνο ἡστοιχεῖον ἢ ἕκ στοιχείων εἶναι, εἰ μὲν στοιχεῖον,
 πάλιν ὁ αὐτὸς ἔσται λόγος (ἐκ τούτου γὰρ καὶ πυρὸς καὶ γῆς ἔσται ἢ
 σὰρξ καὶ ἔτι ἄλλου, ὥστ' εἰς ἄπειρον βαδιεῖται) :
 εἰ δὲ ἕκστοιχείου, δῆλον ὅτι οὐχ ἑνὸς ἀλλὰ πλειόνων, ἢ ἐκεῖνο αὐτὸ
 ἔσται, ὥστε πάλιν ἐπὶ τούτου τὸν αὐτὸν ἐροῦμεν λόγον καὶ ἐπὶ τῆς σαρκὸς ἢ συλλαβῆς
 δόξειε δ' ἂν εἶναι τὶ τοῦτο καλοῦν στοιχεῖον,
 καὶ αἰτιὸν γε τοῦ εἶναι τοδὶ μὲν σάρκα τοδὶ δὲ συλλαβήν: ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων.
 (1041b11-27).

O que é composto de alguma coisa (*syntheton*), de modo que o todo constitua uma unidade (*hen einai to pan*), não é semelhante a um montinho (*soros*), mas a uma sílaba. E a sílaba não é só os elementos (*ta stoicheia*) das quais é formada, nem ba é idêntico a b mais a, nem a carne é simplesmente fogo mais terra. De fato, uma vez que os compostos, isto é, a carne e a sílaba, tenham se dissolvido, não existem mais, enquanto as letras, o fogo e a terra continuam existindo. Portanto, a sílaba é algo irredutível apenas às letras, ou seja, às vogais e às consoantes, mas é algo diferente delas (*eteron ti*), assim como a carne não é só fogo e terra, ou quente e frio, mas também algo diferente deles. Ora, se também esse algo fosse um elemento ou um conjunto de elementos, ocorreria o seguinte: se fosse um elemento, valeria para ele o que dissemos antes (a carne seria constituída desse elemento com fogo e terra e de algo diverso, de modo que iríamos ao infinito); se fosse, pelo contrário, um composto de elementos, seria, evidentemente, composto não só de um único elemento, mas de mais elementos (do contrário, estaríamos ainda no primeiro caso), de modo que deveríamos repetir também a respeito do que dissemos a respeito da carne e da sílaba. Por isso se pode afirmar que esse algo não é um elemento, mas a causa pela qual determinada coisa é carne, esta outra é sílaba (*kai aition ge tou einai todi men sarkea todi de sullaben*), e assim para todo o resto.

O raciocínio comporta duas partes: na primeira, a unidade de uma substância composta não é dada apenas por seus elementos materiais, mas é determinada por algo diferente (*eteron ti*); na segunda, esta outra coisa não pode ser um elemento nem um conjunto de elementos, pois deve cumprir uma tarefa formalmente diferente daquela dos elementos na substância, isto é, a de causa e de princípio, o que justifica que esta outra coisa não possa ser um elemento.

No início da argumentação, Aristóteles apresenta uma oposição entre dois tipos de unidade: a de um amontoado de elementos materiais e a própria da sílaba. Mesmo que o contraste seja mencionado em um enunciado inconcluso, não há dúvidas entre os intérpretes acerca da leitura da passagem: trata-se do estabelecimento de uma oposição entre uma unidade acidental e uma constitutiva. Embora as interpretações diverjam, quando se trata de estabelecer a relevância e o sentido do contraste para o estudo das substâncias hilemórficas elas são concordantes.

D. Ross, M. L. Gill, T. Scaltsas e K. Fine²¹ leem a passagem como se estivesse presente a contraposição entre uma genuína unidade e um conjunto ou soma de elementos. Fine interpreta da seguinte forma: “a heap of sand or a mere aggregate will be a formless sum... an aggregate will be the sum of its various components” (FINE, 1995: 291-292).

Aristóteles rejeita a hipótese de que a sílaba seja constituída pela soma de suas letras, pois se a sílaba for removida, as letras permanecem. Logo, a diferença entre o amontoado de elementos e a sílaba pode assim ser lida: se o amontoado (*soros*) é pensado como uma soma de elementos ($x+y+z$), para ele existir é necessário e suficiente que todos os seus elementos estejam presentes. Com efeito, a unidade da soma depende da presença dos elementos que a constituem.

No entanto, isso não vale para uma sílaba. O que garante a sua existência não é apenas a presença de todas as letras. No caso da sílaba, os componentes são condição necessária, mas não suficiente, para sua existência pois, com a remoção da sílaba, as letras permanecem (1041b15). Logo, a sílaba é formada pelas letras e um fator suplementar (x).

Esta dicotomia funciona caso o amontoado seja concebido como uma soma de elementos. Contudo, isso não pode ser correto. Como explica Wedin, “... a mereological

²¹ ROSS (1924, vol. II: 221) “The syllable is not identical with its letters”; SCALTSAS (1994: 113): “an aggregate is identical to the totality of its parts”. Cf. FINE (1995: 291-292); GILL (1989: 243); BOSTOCK (1994: 302).



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

sum exists if its elements exist. (...). There is no more to be said. In particular, it does not matter where the elements are located or in what, if any, relations they stand to other things. However, this means, *pace* Fine and company, that heaps cannot be mere mereological sums” (WEDIN, 2000: 442-443).

Com efeito, é possível formar um amontoado de grãos de areia e em seguida desfazê-lo. Embora não seja mais possível falar de um amontoado, ainda podemos somar os grãos de areia. Logo, a presença em maior ou menor grau dos elementos não é condição que permite diferenciar a unidade acidental da substancial.

O agregado não é uma sílaba, mas assim como a sílaba, necessita da presença de um fator suplementar x .

Nesta altura, o filósofo se questiona acerca da natureza do fator x , e conclui que x não pode ser um elemento, pois os elementos estão presentes no ente como matéria (1041b31-32), ao passo que o fator x é não material.

Talvez seja possível pensar o fator não material como disposição dos elementos. Se for assim, a diferença entre os dois tipos de unidade consiste no fato de que, no amontoado, os elementos materiais podem se encontrar em uma posição qualquer no interior do conjunto e a relação entre eles ser, assim, puramente acidental. Na sílaba, ao contrário, é necessário respeitar a ordem e a sucessão das letras tanto na sílaba quanto na palavra.

Contudo, essa mínima diferença não destaca a importância do que Wedin chama “differential unity” da sílaba e dos compostos orgânicos que a sílaba representa. Wedin observa: “But, it is hard to see this as anything but question-begging, for why should all c-unities [unidades substanciais] have the arrangement appropriate for syllables?” (WEDIN, 2000: 443).

Recordo brevemente agora os resultados obtidos. A sílaba não é uma soma de elementos, mas a presença dos elementos é necessária para a formação da sílaba. As letras, na sílaba, respeitam uma ordem e disposição, mas no caso da sílaba o fator suplementar não consiste apenas na disposição externa dos elementos. Aliás, a disposição é algo que pode ser acrescentado aos elementos. Aristóteles anuncia, na parte inicial do capítulo, que o fator que ali está sendo investigado deve explicar por que a matéria se encontra numa condição tal que constitui uma unidade substancial (*ousia*). Na sílaba, o fator x deve indicar não apenas a ordem dos elementos, mas, sobretudo, por



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

que a sílaba *so* em Sócrates é diferente de *s* e *o* em Aristóteles e diferente de *s* e *o* em Demóstenes.

VI. O papel da matéria na unidade substancial

A unidade da sílaba não é a união extrínseca de um amontoado de elementos, mas a unidade dos compostos hilemórficos é problemática por causa da contribuição da matéria para aquilo que eles são (GILL 2003, p. 188). A análise hilemórfica mostra que a matéria ameaça a unidade de qualquer substância gerada, pois o ente parece constituído de duas partes originárias e distintas, a matéria e um fator não material, ambos constitutivos de sua natureza. A matéria possui uma natureza distinta da do fator não material, visto que sobrevive à destruição do composto. E se as letras e as sílabas têm condições diferentes de persistência no ser, a relação entre a matéria e o fator suplementar parece puramente acidental.

A sugestão de Wedin é a de refletir acerca da relação entre o capítulo 17 e os outros capítulos do livro Zeta, “For if, as we claim, earlier results anticipate form’s causal role in Z.17, then earlier constraints should inform discussion” (WEDIN, 2000: 444).

De acordo com o autor (e com outros exegetas como, por exemplo, Marie Louise Gill²²), é necessário lembrar aqui a distinção que Aristóteles apresenta em *Metafísica* Zeta 10 entre dois tipos de matéria, isto é, a matéria funcional e a matéria constituinte, esta última situada num nível inferior, que Wedin denomina matéria residual²³: “It will be helpful to remind ourselves of the distinction in Z.10 and 11 between those of a thing’s parts that are remnant parts and those that are functional parts. The first, but not the second, are the parts into which the thing resolves upon passing away. So they correspond to the sort of letters Aristotle has in mind in Z.17” (WEDIN, 2000: 444). A matéria funcional é a matéria do ente informada pela forma do ente e, no contexto de Zeta 17, isso significa que a natureza da matéria está inteiramente determinada pela forma do ente realizado.²⁴

A distinção entre os dois tipos de matéria é, talvez, uma consequência do fato de que Aristóteles parece ser ambíguo, nos capítulos 10 e 11, a respeito da inclusão da matéria

²² Ver GILL 2003: 189.

²³ Ver WEDIN, 2000: cap. VIII, especialmente a página 434.

²⁴ Explica M. L. Gill: “A matéria funcional inclui partes não-uniformes, como mãos e pés, que são organizados no corpo orgânico em seu todo, e são determinados pela forma do composto em seu todo” (GILL, 2003: 189). Ver *Metafísica* Z 10 e 11.

na definição das substâncias compostas de matéria e de forma (ANGIONI, 2008: 247, n. 18). Outros exegetas diferenciam “substrato” e “matéria persistente” (COHEN, 1984: 190-193), ou em “corpo orgânico” e “corpo não orgânico” (SHIELDS, 1993: 10-12). Penso que a melhor solução seja a fornecida por Whiting, que sugere que o filósofo distingue “o corpo orgânico” e “uma grande quantidade de elementos que constituem o corpo orgânico” (WHITING, 1992: 76). É importante ressaltar que a configuração dos elementos ao formarem o corpo orgânico é contingente a eles. Portanto, os mesmos conservam suas características essenciais.

No caso da sílaba, a distinção entre as duas configurações se dá desta forma: quando a sílaba não existe, as letras continuam a existir e as que permanecem após o fim da sílaba são a matéria que Wedin denomina “remnant parts” (WEDIN 2000, p. 444). Porém, isoladas da sílaba ba, b e a não existem como existiam quando eram partes constituintes da sílaba, pois as partes orgânicas ou funcionais não podem existir em ato na substância. Eis a razão pela qual a simples disposição não pode ser um fator suplementar. “The arrangement is not enough, if it leaves untransformed the elements arranged” (WEDIN, 2000: 446).

Aristóteles destaca que os elementos adquirem na sílaba a função $\varphi\omega\nu\eta\epsilon\nu\ \kappa\alpha\iota\ \acute{\alpha}\varphi\omega\nu\omicron\nu$, ou seja, “fônico” e “áfono” na sílaba. O valor fonético de cada um é diferente, próprio, e só tem valor na sílaba. E após sua dissolução, nenhuma das letras exerce a função que exercia nela. Como parte constituinte da sílaba ba, o “fônico” e o “áfono” correspondem à matéria orgânica nos animais, e esta matéria desaparece com a morte do animal.²⁵

Os elementos materiais são parte da substância. Contudo, existe uma diferença marcante na forma deles existirem quando *informados* pela forma e ao permanecerem após a dissolução da substância da qual são parte. Um cadáver não é um corpo sem alma, mas um corpo apenas de nome (*Meteor.* 12, 389b31). O princípio de homonímia confirma que a relação no organismo entre a matéria orgânica e a forma não é puramente acidental.²⁶ “If this is correct, it flows not just that a syllable is the elements plus

²⁵ No caso de um vivente natural, os elementos originários não homeómeros são transformados em partes homeómeras e, por fim, em matéria orgânica. “Elemental matter is “worked up” into non elemental uniform matter and how this is worked up into nonuniform matter and into the sort of matter that living organism are composed of” (WEDIN, 2000: 447). Ver GILL (1989) e FINE (1995).

²⁶ Ver Aristóteles, *Metaph.*, VII 10, 1035b24-25; *GA* I 19, 726b22-24; II 1, 734b24-27; *Meteor.* IV 12, 389b32-390a2; 390a10-13.

something extra, but also that the elements themselves are somehow transformed when fit together by the form” (WEDIN, 2000: 445).

A distinção entre a matéria orgânica e a matéria residual perde sua eficácia no caso do amontoado de elementos. Um grão de areia não muda sua natureza por pertencer ao agregado, mas ser independente dele, ao passo que, no processo de corrupção da matéria orgânica, em algum nível da análise hilemórfica, talvez no dos quatro elementos, exista um substrato material distinto da forma e do ente substancial, ao qual a causa formal é predicada e sobrevive à eliminação da forma (GILL, 2003: 190). Em outras palavras, a matéria constituinte é anterior ao composto e lhe sobrevive, e a causa formal é tributária desta matéria pela sua realização. Apesar disso, os elementos não existem no composto hilemórfico.

VII. Ser ou não ser, o problema

Em *Metafísica* VII 13, encontra-se um importante indício que conduz nossa análise ao desfecho e justifica os resultados do item anterior. Nas linhas 1039a3-10, Aristóteles escreve: “...é impossível que uma essência seja constituída a partir de essências nela inerentes em efetividade. Mas se fossem duas em potência, seriam uma só [*sc.* em efetividade]. [...] se a essência é algo uno, não pode ser a partir de essências nela inerentes”.²⁷

Em *Metafísica* H 6, a ideia é reiterada. O filósofo destaca que a unidade da matéria e da forma nos compostos hilemórficos não é acidental, pois a matéria próxima e a forma são uma coisa só, uma em potência, outra em ato: “Mas, se como foi dito, um elemento é matéria e o outro é forma (*to men hule to de morfe*), e o primeiro é em potência e o outro em ato (*to men dunamei to de energeiai*), parece que a coisa indagada não é mais um problema” (*Metaph.* VIII 6, 1045a23-25).²⁸

A ideia parece ser a seguinte: na substância composta, os elementos materiais estão presentes em potência e contribuem, com suas propriedades, para modificar o

²⁷ *Metaph.* 1039a3-10:

ἔτι δὲ καὶ ὧδε δῆλον. ἀδύνατον γὰρ οὐσίαν ἐξ οὐσιῶν εἶναι ἐνυπαρχουσῶν ὡς ἐντελεχεία: τὰ γὰρ δύο οὕτως ἐντελεχεία οὐδέποτε ἐν ἐντελεχεία, ἀλλ’ ἐάνδυνάμει δύο ἦ, ἔσται ἓν
 [...] ὥστ’ εἰ ἡ οὐσία ἓν, οὐκἔσται ἐξ οὐσιῶν ἐνυπαρχουσῶν

²⁸ *Metaph.* 1045a23-25:

εἰ δ’ ἐστίν, ὥσπερ λέγομεν, τὸ μὲν ὕλη τὸ δὲ μορφή,
 καὶ τὸ μὲν δυνάμει τὸ δὲ ἐνεργεία, οὐκέτι ἀπορία δόξειεν ἂν εἶναι τὸ ζητούμενον.

composto hilemórfico, também e sobretudo determinado por outros atributos que fazem dele aquilo que é.

Um exemplo talvez possa ajudar a esclarecer. Os seres humanos são constituídos de terra, razão pela qual manifestam um *comportamento terrestre*. Por exemplo, caem no chão quando tropeçam, e não voam. Este comportamento é justificado pela presença da terra, cujo atributo essencial é o de se deslocar para baixo. Mas não é parte da essência humana tropeçar e cair. Esta é a razão pela qual a matéria constituinte não influencia a substância em seus atributos *per se* (*kath'auto*). Nesse caso, a matéria acidentalmente modifica o comportamento da substância, mas não sua essência, pois os elementos não se encontram distintos e em ato na substância. Se assim fosse, a substância seria um amontoado de partes e não conseguiria sua característica unidade diferencial.

Em *Metafísica* Heta 6, Aristóteles também menciona a causa da unidade substancial dos elementos, e retoma a argumentação de Zeta 17: “Cada vez que um ente é constituído por uma multiplicidade de partes e a totalidade [das partes] se assemelha não a um amontoado, mas à totalidade, é algo além das partes: há uma causa” (1045a8-10).²⁹ A causa é a essência (*to ti en einai*) (1045a33-35), a qual é a causa da unidade e do ser um (*tou henos ti aition kai tou ti en einai*) (1045b17-22).

Finalmente, o ponto determinante que distingue a sílaba do *soros* é o seguinte: no conjunto de elementos, as partes constituintes estão presentes de maneira distinta e em ato e, por essa razão, a unidade do composto é acidental, devido ao fato de que as partes estão co-presentes no agregado, ao passo que, no caso da sílaba, as partes constituintes estão presentes em potência, o que permite que a identidade do ente e sua unidade essencial não sejam comprometidas.³⁰

²⁹ *Metaph.* 1045a8-10

πάντων γὰρ ὅσα πλείω μέρη ἔχει καὶ μὴ ἔστιν οἷον σωρὸς τὸ πᾶν
 ἀλλ' ἔστι τι τὸ ὅλον παρὰ τὰ μέρη, ἔστι τι αἴτιον.

³⁰ Aristóteles discute o processo que leva à transformação da matéria nos compostos hilemórficos em *Metafísica* Theta 6 e 9, no capítulo 3 do III Livro do *De Caelo*, e no capítulo 9 do Livro I da *Física*. Porém, relevante à discussão é sobretudo a teoria de *De Generatione et Corruptione* I, 10. Nesse capítulo, Aristóteles examina a teoria da mistura dos elementos (*mixis*) e fornece uma distinção entre o amontoado (*syntheton*) e uma mistura (*mixis*). Seu argumento é o seguinte: em uma *mixis*, assim como em uma composição química, os elementos existem distintos e em ato antes de entrarem no amálgama, ao passo que, após entrarem, estão misturados e existem apenas em potência (*GC* I 10, 327b22-31).

VIII. O coquetel de Heráclito e o pão de Aristóteles

Talvez seja agora possível representar a distinção entre a sílaba e o *soros*.

A distinção entre um amontoado e uma unidade essencial é representada entre o coquetel de trigo de Heráclito e um pão. No fragmento 125 DK, Heráclito lembra a receita de uma bebida para a época fria. Os ingredientes são o trigo, o queijo e o vinho. Para que a bebida agrade aos hóspedes, o filósofo recomenda agitar vigorosamente o copo antes de servir, pois, caso contrário, os ingredientes permanecem separados. A bebida de Heráclito é um caso de conjunto acidental de ingredientes (*syntheton*, o mesmo termo que aparece em *Metafísica* VII, 17).

Passo ao pão. Os ingredientes de um pão são a farinha, o sal, a água e o fermento. Eles existem separados e em ato antes de entrarem no amálgama, mas depois que são misturados e o amálgama é assado, o produto é uma coisa macia, perfumada, e saborosa, e não é possível saboreá-los individualmente.³¹ Os ingredientes não estão presentes em ato, mas em potência, e por duas razões: **1)** elementos desse tipo podem ser extraídos caso o pão seja destruído³²; **2)** os elementos originários contribuem para a formação do composto porque a qualidade própria de cada um deles justifica as diversas características do produto (por exemplo, sua maciez, cor, peso, e todos os ingredientes, em medidas diferentes, contribuem para o seu sabor). Gill destaca que o estofo original se transforma, aos poucos, no composto conectado à matéria a partir da qual foi gerado por certas propriedades que caracterizam o objeto (GILL, 2003: 196, n. 42).

A forma é o que proporciona aos ingredientes serem uma unidade substancial, não um elemento a mais acrescentado a outros, mas fator que faz do conjunto uma unidade integrada e constitutiva. A forma, pois, é complementar e não está co-presente aos elementos. A causa formal é a causa desses elementos serem (*tadi*) um pão (*ti*).

Os elementos que constituem um corpo orgânico não estão presentes em ato, mas em potência. As propriedades da matéria explicam vários aspectos do composto, mas essas características não são propriedades *kath'auto* da substância.

A análise em Zeta conclui com a afirmação (1041b28) que a forma é *aition prôton tou einai* – *causa primeira do ser*.

³¹ “Aristóteles não era um atomista: uma análise dos compostos não resulta em partículas elementares” (GILL, 2003: 195).

³² Ver Aristóteles, *Metaph.*, VIII 5, 1044b28-1045a6.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

οὐσία δὲ ἐκάστου μέντοῦτο (τοῦτο γὰρ αἴτιον πρῶτον τοῦ εἶναι) —
ἐπεὶ δ' ἔνιαοῦκ οὐσίαι τῶν πραγμάτων, ἀλλ' ὅσαι οὐσίαι, κατὰ φύσιν
καὶ φύσει συνεστήκασι, φανείη ἂν καὶ αὕτη ἢ φύσις οὐσία, ἣ
ἐστὶν οὐ στοιχεῖον ἀλλ' ἀρχή—στοιχεῖον δ' ἐστὶν εἰς ὃ
διαίρεῖται ἐνυπάρχον ὡς ὕλην, οἷον τῆς συλλαβῆς τὸ α καὶ τὸ β. (1041b27-a2)

E isso é a substância de cada coisa (*ousia de ekastou men touto*). De fato, ela é causa primeira do ser (*touto gar aition proton tou einai*). E como algumas coisas não são substâncias e todas as que são substâncias são constituídas segundo a natureza e pela natureza, parece que a substância é a própria natureza, a qual não é elemento material, mas princípio. Pelo contrário, o elemento é aquilo no qual uma coisa se divide e está nela presente como matéria – por exemplo, na sílaba ba as letras b e a (tradução nossa).

A causa formal transforma os materiais em uma nova substância.³³ A matéria atua na formação da substância. A causa primeira do ser, isto é, a forma, não é uma substância transcendente que fornece ao sujeito sua existência e a torna um objeto real. A causa formal é causa imanente que faz de x um F . Nesse sentido, a formulação correta da expressão aristotélica é que a forma é *aition prôton tou a einai A – a causa primeira de x ser F* , todos os x com algumas condições materiais necessárias para ser F , mas recebendo a identidade F apenas graças à forma.³⁴

Conclusão

Examinei a função da causa formal na constituição das substâncias através de sua análise hilemórfica. Ao utilizar a unidade da sílaba como *paradeigma* (em *Metafísica* VII, 17), Aristóteles argumenta que a unidade constitutiva das substâncias compostas é o resultado da transformação dos elementos materiais pela causa formal. A matéria que constitui a substância está presente em potência, e contribui, com suas propriedades, para caracterizar o ente, embora não em seus atributos (*kath'auto*). O filósofo mostra que as substâncias materiais são unidades nas quais a forma cumpre o papel de agenciar os elementos com vista à constituição da identidade do ente.

Apesar das substâncias sensíveis necessitarem da presença da matéria para serem sensíveis, em Aristóteles a matéria influencia a identidade do objeto, que é unicamente determinada pela forma. Ademais, caso o elemento material tivesse uma influência

³³ É importante distinguir a “identidade” garantida pela forma, da “unidade” garantida pela matéria: dois corpos podem ser idênticos com relação à forma, mas por causa da descontinuidade material, eles constituem dois unidades da mesma forma F (ver ZINGANO, 2003: 285, n. 6).

³⁴ ZINGANO, 2003: 299. A causa do ser pelos compostos não acidentais é a natureza intrínseca (*physis*), como afirma Aristóteles (capítulo Z 17, 1041b30-31).



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21 (2015/2)*
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

essencial e determinante na identidade da substância, a forma não seria distinta da disposição da matéria e, no livro Z da *Metafísica*, o filósofo seria obrigado a perder suas esperanças em relação à existência de uma substância distinta da substância sensível.

Bibliografia

- ANGIONI, L. (2002), *Aristóteles, Metafísica Livros VII e VIII*. Textos Didáticos n. 42: Outubro. Campinas: IFCH Unicamp.
- ANGIONI, L. (2008), *As Noções Aristotélicas de Substância e Essência*. Campinas: Editora Unicamp.
- BOSTOCK, D. (1994), *Aristotle: Metaphysics, Books Z and H*, transl. with notes and commentary, Oxford: Oxford University Press.
- BURNYEAT, M. F. (1992), *A Map of Metaphysics Z*, unpublished.
- CHARLES D. (2000), *Aristotle. On Meaning and Essence*. Oxford: Oxford University Press.
- CODE, A. (1997), *Aristotle's Metaphysics as a Science of Principles*, *Revue internationale de philosophie* 201, pp. 345-66.
- COHEN S. M. (1984), *Aristotle and Individuation*. In F. J. Pelletier e J. K. Farlan (eds.), *Canadian Journal of Philosophy*. Vol. Suplementar X, p. 41-65.
- FINE, K. (1995), "The problem of mixture". *Pacific Philosophical Quarterly* 76, p. 266-369.
- FREDE M. e PATZIG G. (1988), *Aristoteles Metaphysik Z*. Transl. and Commentary. 2 vols. München: C.H. Beck.
- GILL M. L. (1989), *Aristotle, on Substance*, Princeton: Princeton University Press.
- GILL M. L. (2003), "A unidade das Substâncias em Metafísica H 6". *Cadernos de História e Filosofia da Ciência* 3, v. 13 n. 2, jul.-dez. 2003, p. 177-205.
- JAEGER W. (1957), *Aristotelis Metaphysica*. Oxford: Oxford University Press.
- JOHNSON, Monte R. (2005), *Aristotle on Teleology*, Oxford: Oxford University Press.
- LEWIS F. A., (1984), "What is Aristotle's theory of essence?". In Pelletier J. and King-Farlow J., *New Essays on Aristotle*, *Canadian Journal of Philosophy*, suppl. Vol. 10, pp. 89-131.
- ROSS D. (1924), *Aristotle's Metaphysics*. 2 Vols. Oxford: Oxford University Press.
- SCALTSAS D. (1994), "Substantial Holism". In Scaltsas D., Charles D., Gill M.L., *Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics*, Oxford: Oxford University Press.
- SCHIELDS S. (2007) *Aristotle*. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- SCHIELDS S. (1993), "The Homonymy of the body in Aristotle". *Archiv für Geschichte des Philosophie* 75, p. 1-30.
- WEDIN M. V. (2002), *Aristotle's theory of substance. The Categories and Metaphysics Zeta*, Oxford: Oxford University Press.
- WHITING J. (1986), "Form and Individuation in Aristotle". *History of Philosophy Quarterly* 3, pp. 359-77.
- WHITING J. (1992), "Living Bodies". In M. Nussbaum e A. Rorty (eds.), *Essays in Aristotle's De Anima*. Oxford: Oxford University Press.
- ZINGANO M. (2003), "Forma, Matéria e Definição na Metafísica de Aristóteles". *Cadernos de História de Filosofia da Ciência*, serie 3, vol. 13 n.2, pp. 277-300.